

”Depois de me formar...” Resultado de uma pesquisa sobre as experiências e ideias de vida de estudantes das Escolas Estaduais Rio Vermelho e Luiz Darly (Barra do Turvo)

Isabelle Hillenkamp, Natália Santos Lobo

► **To cite this version:**

Isabelle Hillenkamp, Natália Santos Lobo. ”Depois de me formar...” Resultado de uma pesquisa sobre as experiências e ideias de vida de estudantes das Escolas Estaduais Rio Vermelho e Luiz Darly (Barra do Turvo). [Research Report] IRD Institut de recherche pour le developpement; SOF Sempreviva Organização Feminista. 2019. ird-02305388

HAL Id: ird-02305388

<https://hal.ird.fr/ird-02305388>

Submitted on 4 Oct 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

“Depois de me formar...”

Resultado de uma pesquisa sobre as experiências e ideias de vida de estudantes das Escolas Estaduais Rio Vermelho e Luiz Darly (Barra do Turvo)

Julho 2019

Isabelle Hillenkamp e Natália Santos Lobo

Projeto “Mulheres Jovens do Campo Traçando Caminhos”



Sumário

Introdução	1
I. Um breve retrato das/os estudantes e de suas famílias	1
1. Perfil das/os estudantes	1
2. Perfil das famílias.....	2
3. Perfil migratório das/os estudantes e suas famílias.....	3
II. Planos das/os estudantes.....	5
1. “Ideias de futuro”	5
2. Gostar da Barra do Turvo, mas pensar em sair.....	6
3. Conversas e apoio em casa.....	7
4. Conversas e apoio fora da casa	7
III. Interesse e acesso a cursos	8
1. Planos de fazer curso.....	8
2. Experiência com cursos	8
3. Dificuldade de acesso a cursos	9
Conclusão.....	11

Introdução

Este texto apresenta resultados preliminares de uma pesquisa, realizada através de questionários anônimos, entre os dias 6 e 7 de maio de 2019, com estudantes de 2ª e 3ª séries das escolas estaduais (EE) de Ensino Médio Rio Vermelho e Luiz Darly, no município de Barra do Turvo. Gostaríamos de agradecer primeiro às/aos estudantes que participaram e às/aos professoras/es e diretores que nos apoiaram, bem como a quatro pessoas que nos ajudaram a aplicar os questionários.

Esta pesquisa faz parte do projeto “Mulheres Jovens do Campo Traçando Caminhos”, executado pela ONG SOF - Sempre Viva Organização, em parceria com o IRD - Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (França) em Barra do Turvo, no período de outubro de 2018 a setembro de 2019. Este projeto parte da observação da dificuldade que as/os jovens dos bairros rurais do município enfrentam para desenvolver projetos de vida em conexão com suas comunidades e do forte êxodo rural para Curitiba e outras cidades. Conforme as estatísticas demográficas do município, que evidenciam a proporção de 47,6% de mulheres e 52,4% de homens¹, esta dificuldade é ainda maior para as mulheres, devido, entre outros parâmetros, ao seu menor acesso à terra e à predominância de empregos agrícolas que favorecem aos homens.

O projeto buscou ampliar as possibilidades para que essas jovens desenvolvessem projetos de vida inseridos em suas comunidades, por meio da promoção de formas locais de produção agrícola, baseadas na agroecologia. Trabalhamos com um grupo de 15 a 20 jovens, a maioria mulheres, que produziram panfletos sobre métodos agroecológicos e produtos tradicionais de sua comunidade, além de participarem de um intercâmbio com estudantes e professores dos cursos de agroecologia da Escola Latino-americana de Agroecologia (Lapa, Paraná) e da Universidade Federal do Paraná.

Através da pesquisa nas escolas, procuramos ampliar e aprofundar este debate, adquirindo uma melhor compreensão da realidade das/os jovens desta faixa etária, em diálogo com suas/seus professoras/es. Assim, o questionário coletou dados sobre os projetos de vida dessas/esses jovens, em relação à sua vivência e percepção de territórios rurais e urbanos (Curitiba ou outras cidades); seu interesse na formação e sua possível experiência de cursos técnicos ou profissionalizantes; além da sua situação familiar e o apoio da família para seus projetos de vida.

I. Um breve retrato das/os estudantes e de suas famílias

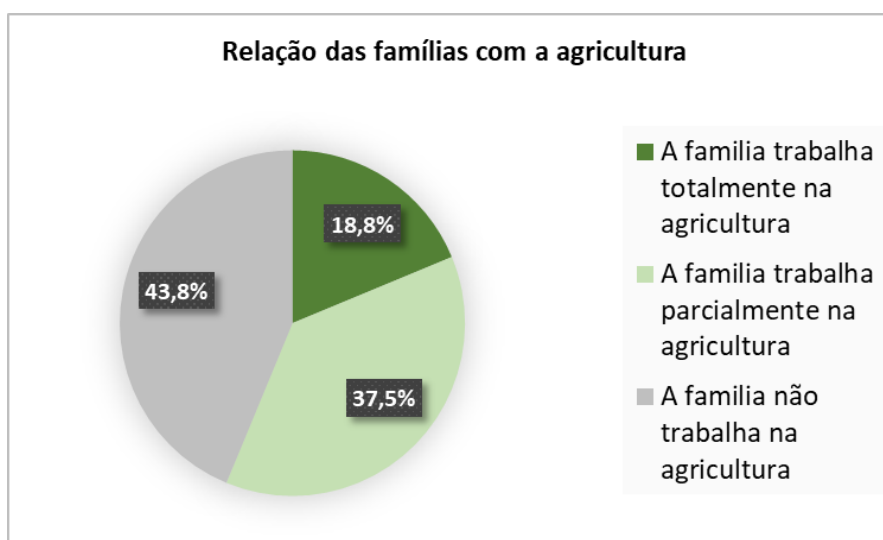
1. Perfil das/os estudantes

80 estudantes responderam ao questionário, dos quais 47,5% são mulheres e 52,5%, homens. Na maioria, são estudantes do 3º ano colegial (75 estudantes) e, em alguns casos, do 2º ano (5 estudantes). Frequentam as duas escolas de ensino médio do município: a EE Rio Vermelho (35 estudantes participando) e a EE Luiz Darly (45 estudantes participando). Eles têm entre 15 e 23 anos, com idade média de quase 17 anos. É importante notar que há uma taxa elevada de evasão escolar ao longo do ensino médio, quando estudantes abandonam a escola para trabalhar, casar ou, em alguns casos, fazer um curso técnico. As/os jovens que participaram desta pesquisa são, portanto, aqueles que seguem estudando.

1 Atlas de Desenvolvimento Humano de Brasil, 2010, http://atlasbrasil.org.br/2013/es/perfil_m/barra-do-turvo_sp.

2. Perfil das famílias

55% dos estudantes entrevistados moram em bairros rurais, 10% em comunidades remanescentes de quilombos e outras comunidades tradicionais² e 35% em bairros centrais do município. Em 18,8% dos casos, suas famílias trabalham totalmente na agricultura e em 37,5% dos casos, parcialmente. Em total, são, pelo tanto, **56,3% das famílias envolvidas em algum grau na agricultura**. Esta proporção é um pouco mais elevada no caso da EE Rio Vermelho (17,1% e 42,9%, total de 60%) do que na EE Luiz Darly (20,0% e 33,3%, total de 53,3%).



O tamanho médio das famílias é de quase 4 pessoas (3,92); o tamanho mínimo encontrado é de uma pessoa (caso de uma aluna e de dois alunos que moram sozinha/os) e o máximo, 10 pessoas. Cerca de 60% das famílias são bi-parentais, quer dizer, a/o estudante vive com ambos os pais. Os 40% restantes se dividem entre 20% de famílias monoparentais - são lares chefiados em geral por mulheres (apenas um caso de homem) que criam seus filhos sozinhas- e 20% de famílias com outras conformações: jovens criados pelos seus avós, por uma tia ou um tio ou que já estão casados e vivem com o seu cônjuge. Estas diferenças repercutem sobre os projetos de vida dos jovens e sobre o apoio que podem receber em casa.

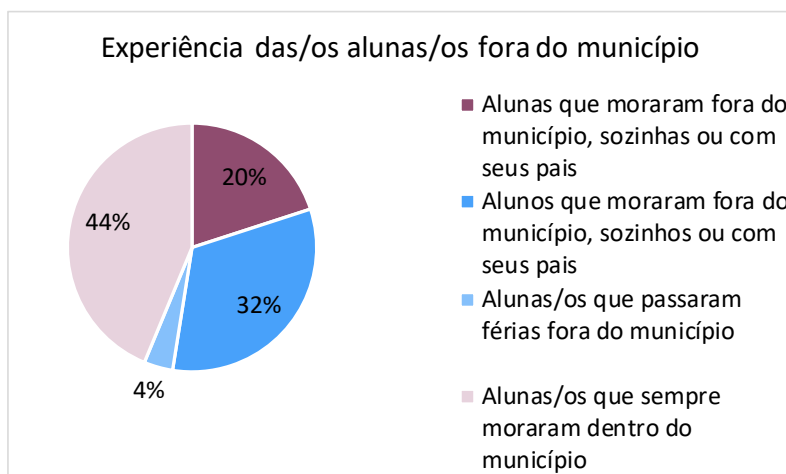
Outra característica das famílias diz respeito ao fato de que, em 19% dos casos, há uma ou mais pessoas que não vivem permanentemente na casa. Estes casos geralmente correspondem a pais ou irmãos mais velhos que trabalham durante a semana em Curitiba ou fora do município por períodos, tipicamente como caminheiros, pedreiros ou em concertos de rodovias, o que pode favorecer o desenvolvimento de redes de contato dessas famílias.

Em relação ao tipo de trabalho, existe ainda uma proporção significativa - mais de um quarto - de estudantes da EE Luiz Darly, os quais pelo menos um membro da família tem emprego público. Embora tenha diferenças de funções e níveis de renda nesta categoria, o fato de ter emprego público em geral garante maior estabilidade de renda. No caso da EE Rio Vermelho, essa situação corresponde a menos de 6% dos estudantes, o que se explica, pelo menos em parte, pela distância da sede do município.

2 Esses são estudantes moradores das comunidades Pedra Preta, Pinheirinhos do Franco, Reginaldo e Ribeirão Grande e Terra Seca.

3. Perfil migratório das/os estudantes e suas famílias

Chama a atenção o fato de **mais da metade** das/os jovens (52,5%) dizerem ter morado fora do município. Desses 52,5%, uma proporção elevada (quase 62%, correspondendo a 26 estudantes) são **rapazes**. As moças correspondem a apenas 38% dos casos (16 estudantes), o que sugere uma menor possibilidade ou menor demanda de mobilidade das mulheres nesta faixa etária. Esta tendência se reverte na idade adulta, quando mais mulheres saem do município do que homens (ver também seção 2.b abaixo). 3,8% adicionais já passou um tempo fora durante as férias (entre 1 e 2 meses).



Estes percentuais são significativamente mais altos no caso da EE Rio Vermelho: **66%** já moraram fora do município e 6% já passaram um tempo fora durante as férias. Na EE Luiz Darly, são 55,6% de estudantes que sempre moraram no município, 42,2% que moraram fora e 2,2% que passaram umas férias fora. Essa diferença confirma o perfil migratório dos bairros da EE Rio Vermelho próximos da BR 116, o que já foi relatado em outras publicações³.

A metrópole de Curitiba é onde a maior parte dos estudantes têm morado (40,7%), seguida por cidades fora do Vale do Ribeira (22,0%), municípios do Vale do Ribeira (25,4%) e a cidade de São Paulo (11,9%). Em Curitiba, os/as estudantes moraram em bairros distantes do centro ou em cidades da região metropolitana (Colombo, São José dos Pinhais, Vila Zumbi, Piraquara, Tatuquara, Vila Alto, Alto Boqueirão, Campo Comprido, Portão, Santa Cândida).

A razão mais frequente para sair de Barra de Turvo foi relacionada com trabalho, da/o jovem ou da sua família (16 casos em 28 respostas), seguido do acesso a uma melhor educação (5 casos entre 28), razões familiares, razões de saúde, conhecer, ter experiência ou passear (2 ou 3 casos, respectivamente). A razão mais frequente para ir ou voltar para a Barra de Turvo está relacionada com a família (7 casos entre 17, em geral morar perto de um parente), seguida por motivos de trabalho (5 casos), de saúde ou resultante da dificuldade de se morar na cidade (“meus pais cansaram de viver lá, embora tinha emprego”, “Querida estudar e trabalhar melhor, mas não me acostumei”).

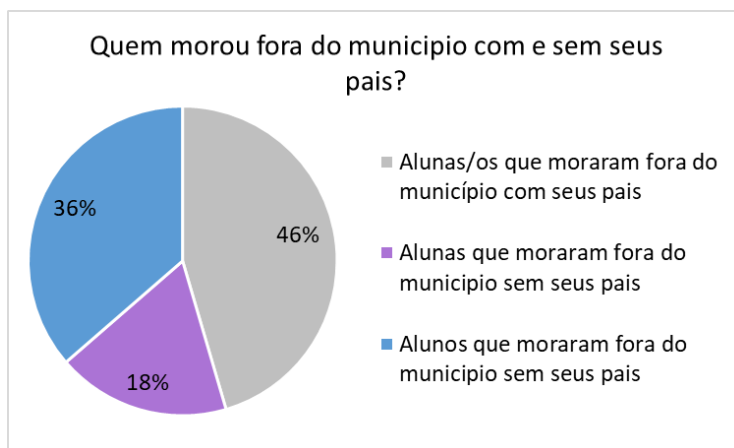
Das/os estudantes que moraram fora do município, quase a metade (20 casos, 48%) passou um ou vários anos com sua família em outra cidade antes de ir ou voltar para Barra do Turvo.

3 Bim, O. (2012). Mosaico do Jacupiranga – Vale do Ribeira, São Paulo: conservação, conflitos e soluções socioambientais. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Hillenkamp, I., & Nobre, M. (2018). Agroecologia e feminismo no Vale do Ribeira: contribuição para o debate sobre reprodução social. *Temáticas* (Unicamp), 52, 167-194.

Esses casos envolvem trajetórias de migração “**reversa**” (cidade-campo) e **circular** (campo-cidade-campo).

Entre os jovens que moraram fora do município sem seus pais (22 casos entre 42), uma proporção maior corresponde a **rapazes** (quase 64%, 16 casos). Na metade dos casos, o/a jovem resolveu ir embora por si mesmo e na outra metade dos casos, foi a mãe e/ou o pai que resolveu.



Na grande maioria dos casos (80%), as/os jovens moraram na **casa de um parente** na cidade (tias/os, irmãs/ãos, avos, ou a própria mãe ou o próprio pai). Suas atividades mais frequentes na cidade foram: **estudos ou cursos** (50%); **trabalho dentro de casa** (faxina, cozinha, cuidado de outra pessoa) (23,1%); **trabalho fora de casa** (19,2%); passeio (7,7%) (várias respostas eram possíveis; houve 26 respostas para 22 jovens). A grande maioria (18 jovens) considera que a experiência de morar na cidade foi “boa” ou, pelo menos, “regular” (3 jovens). Destacam a experiência de viver em outro lugar, as possibilidades de sair e ter novos amigos e, em menor medida, os estudos e o trabalho.

Estas opiniões são bastante parecidas às do conjunto dos jovens que teve uma experiência na cidade (incluindo os casos de migração reversa ou circular junto com os pais ou outros parentes): 78,0% consideram que sua experiência foi boa e 14,6%, regular. O diferencial são 3 estudantes (7,3%) que acharam sua experiência “ruim” por causa de estresse, violência, insegurança ou de “muita tranqueira”.

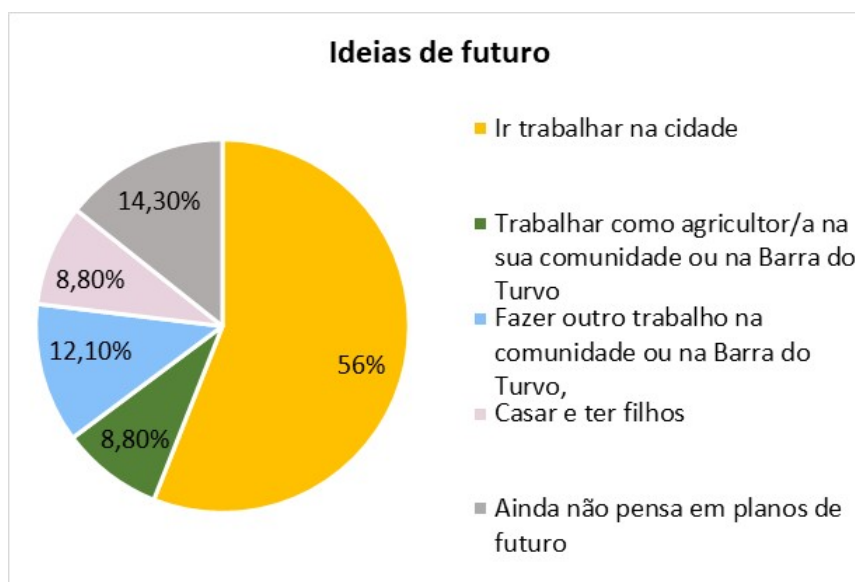
Contudo, uma parcela expressiva das/os estudantes de ambas escolas chega à idade adulta com uma experiência de vida em mais de um lugar, referida na literatura como “**bi-localização**”⁴ e até “**multiresidência**”. Dispõem de certo conhecimento e de contatos na cidade, embora, em alguns casos, a família tenha chegado na Barra do Turvo justamente porque não conseguiu mais morar ou trabalhar na cidade. Nesse contexto, não é surpreendente que o fato de poderem ou terem de se deslocar de um lugar para outro em função de necessidades econômicas (trabalho), pessoais (estudos), familiares ou sociais (saúde, cuidados) esteja integrado nas suas ideias ou projetos para o futuro (seção 2).

4 Wanderley, M. d. N. B. (2013). *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife: UFPE.

II. Planos das/os estudantes

1. “Ideias de futuro”

Mais da metade (56,0%) das estudantes diz ter como projeto ou ideia de futuro **ir trabalhar na cidade**. Das outras respostas, 14,3% diz que ainda não têm planos de futuro, 12,1% quer fazer outro trabalho na sua comunidade ou na Barra do Turvo, 8,8% trabalhar como agricultor/a na sua comunidade ou na Barra do Turvo e 8,8% se vê casada/o com filhos (várias respostas eram possíveis, houve 91 respostas em total).



Dos 8,8% (8 jovens) que querem trabalhar como agricultores, 5 são mulheres e 3 são homens. Todas/os menos um têm sua família trabalhando totalmente ou em parte na agricultura.

No caso de se pensar em ir para uma cidade, em mais de 2/3 dos casos, esta cidade é **Curitiba**. Outros casos são: Barra do Turvo (8,9%, para quem mora num bairro rural ou quilombo e pensa ir morar no centro do município), São Paulo (10,7%), outra cidade no Vale do Ribeira (3,6%), outra cidade fora do Vale do Ribeira (3,6%). 5,4% não sabe ainda.

Fora a agricultura, os tipos de trabalho mencionados com mais frequência são: profissões intelectuais (medicina, veterinária, psicologia, contabilidade, direito, etc.) (25,4%); profissões manuais (manicure, esteticista, frentista, desmanchar carros, colocar vidraças, etc.) (11,9 %); trabalho social, enfermagem, nutrição ou cuidados (8,5 %); polícia, segurança ou exército (8,5%). Ainda tem quase 34% de estudantes que **não sabe qual trabalho** quer fazer.

As perspectivas de futuro também variam consideravelmente entre homens e mulheres. Enquanto **68% das moças se veem trabalhando em outra cidade no futuro**, essa proporção cai para 46% entre os rapazes. Ao mesmo tempo, 19% deles se veem fazendo trabalhos não relacionados com agricultura na Barra do Turvo, enquanto só 5% das moças afirmam o mesmo. Essa tendência -mais mulheres do que homens com planos de migrar na idade adulta- é coerente com a estrutura demográfica geral do município (47,6% de mulheres e 52,4% de homens), mesmo que, na adolescência, observemos uma maior mobilidade dos rapazes. Na idade adulta, os obstáculos à mobilidade das mulheres podem diminuir, ao mesmo tempo em que a falta de terra ou de emprego agrícola ou não agrícola no município pode ser maior para elas do que para os homens.

Ao relacionar as perspectivas de futuro com o bairro onde os jovens residem, percebemos que a proporção mais alta de jovens que pensam em ir trabalhar na cidade é nas comunidades tradicionais (**78%**), seguido pelos bairros centrais (58%) e pelos outros bairros rurais (51%). Também chama a atenção a proporção de jovens nos bairros centrais que afirmam ainda não pensarem sobre o futuro (23%), em comparação a 12% dos jovens dos bairros rurais e nenhum/a jovem de comunidades tradicionais, o que sugere uma maior necessidade dessas duas últimas categorias de irem trabalhar logo depois de terminar o ensino médio.

Quando consideramos o trabalho realizado pela família, notamos ainda que as/os jovens de famílias que trabalham integralmente na agricultura (15 casos) são os que menos pretendem ir para a cidade (47% afirmam querer ir para cidade e 27% afirmam querer continuar trabalhando como agricultor/a na Barra do Turvo). Dentre as/os jovens de famílias que trabalham parcialmente na agricultura (30 casos) e aqueles de famílias que não tem ligação com a agricultura (35 casos), 63% e 60% pretendem ir para outra cidade, respectivamente. Apenas 10% dos jovens de família que trabalham parcialmente com agricultura pretendem ser agricultores/as.

Finalmente, quando perguntados de forma mais ampla se pensam em ir morar em outro lugar – o que pode incluir períodos não definitivos de trabalho e/ou estudo na cidade, bem como mudanças para outros municípios rurais – a porcentagem de estudantes que respondem positivamente é ainda maior: quase **84%**. De novo, a região metropolitana de Curitiba é onde a maioria das/os estudantes se projetam (73%), seguido por outras cidades fora do Vale do Ribeira (14%), a Grande São Paulo (10%) e outros municípios do Vale do Ribeira (3%).

O principal motivo para querer ir morar em outro lugar é ter mais oportunidades de **estudo** (54%), seguido por ter mais oportunidades de **trabalho** (30%). Motivos adicionais (entre 2 e 7% das respostas, respectivamente) são: questões da família (em geral, morar junto com um parente), ter mais opções de lazer e cultura e/ou ter melhor acesso à Internet.

Ainda chama a atenção a alta proporção (65%) de estudantes que pensam ir embora assim que se formar (dezembro 2019 ou ano 2020) e até mesmo antes de se formar (5%). Este grupo pode corresponder àquelas/es estudantes que sentem urgência pessoal ou econômica de sair do município. Ainda tem um 30% de estudantes que responde que quer ir embora “mais para frente” ou “dependendo dos seus planos”, o que pode denotar uma situação familiar mais acomodada.

2. Gostar da Barra do Turvo, mas pensar em sair...

Ao mesmo tempo em que pensam ir trabalhar na cidade (56% dos casos), **62%** das/os estudantes acham a Barra do Turvo e/ou sua comunidade um lugar “bom” para se morar, 34% um lugar “regular” e apenas 4% um lugar ruim.

As características positivas mencionadas com mais frequência são:

- 43%: lugar **seguro e sossegado**;
- 24%: relacionadas à **natureza** (contato com meio ambiente, morar no sítio, lazer na natureza, beleza da paisagem, lugar turístico, etc.);
- 15%: relacionadas às pessoas (união, acolhimento, boa vizinhança, pessoas “humildes”...)

Outras características positivas do local mencionadas são: proximidade das pessoas (amigos, parentes) e dos lugares; atividades de lazer como festas ou passear; baixo custo de vida; estudos ou aprendizados.

(Várias respostas eram possíveis, o total de respostas foi 96.)

A característica negativa mais destacada é a **falta de oportunidades** para os jovens, principalmente no que diz respeito ao emprego (63% de um total de 35 observações negativas; respostas múltiplas eram possíveis). Outras características negativas mencionadas são: a falta de serviços (públicos, comércio), a falta de opções de lazer, as degradações ambientais (poluição, desmatamento), a falta de transporte e a falta de Internet ou sinal telefônico.

O contraste existente entre as opiniões positivas sobre Barra do Turvo e os planos de sair do município confirma a hipótese de **migração principalmente econômica**, motivada pela hipótese das/os jovens da existência de maiores oportunidades de trabalho na cidade.

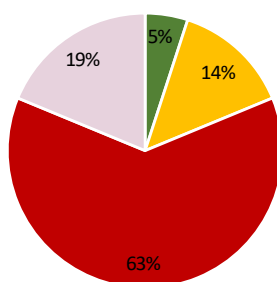
3. Conversas e apoio em casa

81% dos jovens afirmam que conversam em casa sobre seus planos para o futuro. Destes, 33% conversam somente com a mãe, 28% com o pai e com a mãe, 5% só com o pai e 34% com outros parentes. Rapazes e moças conversam com suas famílias em proporções parecidas (82% das moças e 80% dos rapazes têm este hábito)

Quanto ao grau de apoio que recebem dos familiares, 5% dos jovens consideram que apenas conversam com a família porque querem saber se eles deixam fazer o que desejam (ir para a cidade, ir fazer faculdade, casar, etc.); 17% conversam sobre seus planos, mas consideram que não recebem apoio; 77% disseram receber apoio (contatos, conselhos e/ou dinheiro) em casa quando falam sobre o que planejam para o futuro. Não observamos diferenças significativas entre moças e rapazes neste quesito.

É importante ressaltar que, ainda que as famílias ofereçam apoio aos filhos, este apoio obviamente só pode ocorrer dentro dos limites das possibilidades das famílias. Segundo o que observamos com esta pesquisa, em muitas famílias, essas possibilidades são restritas a trabalhos pesados e/ou de remuneração relativamente baixa e condições de moradia em bairros distantes do centro das grandes cidades. Observamos que, apesar dessas condições, ir para a cidade e conseguir um trabalho está relacionado para as/os jovens com uma “vontade [dos pais] de que eu melhore de vida”.

GRAU DE APOIO NAS CONVERSAS EM CASA



- 1. Apenas quero saber se eles me deixam (ir embora, estudar, casar...)
- 2. Conversamos o que é bom ou ruim para mim, mas eles não sabem me ajudar.
- 3. Conversamos sobre como fazer, eles me ajudam a construir meu projeto.
- 4. Não converso

4. Conversas e apoio fora da casa

71% dos jovens disseram ainda que conversam sobre seus planos com pessoas de fora da família ou familiares distantes. A proporção de rapazes e moças que têm este hábito é a mesma. As conversas dizem respeito a: ir para outro lugar (69%), fazer cursos (15%), casar e

ter filhos (9%) e arrumar emprego (7%). 27% afirmam que estas conversas servem para saber o que é bom ou ruim para elas/eles, mas que não se materializam em forma de ajuda de nenhum tipo. Os 73% restantes afirmam que as conversas servem para ajudar a construir seu projeto de vida.

III. Interesse e acesso a cursos

1. Planos de fazer curso

Apenas 3% dos jovens afirmam não terem interesse em continuar estudando depois do Ensino Médio. 20% afirmam se interessarem por cursarem um curso profissionalizante, **61% por cursar a universidade** e 17% por fazer curso técnico. 5% dos estudantes pretendem sair do município antes de terminar o Ensino Médio. Não há diferenças significativas entre homens e mulheres nesse quesito.

Existem pequenas diferenças conforme o tipo de trabalho da família. Dentre as/os jovens de famílias que trabalham totalmente na agricultura, nenhum/a demonstrou interesse em fazer curso profissionalizante, 71% afirmaram querer cursar universidade, seguidos por 21% que querem fazer curso técnico e 7% que não pretende continuar estudando. Nas famílias que trabalham parcialmente com agricultura, 30% dos jovens afirmam se interessar por fazer um curso profissionalizante, 63% um curso universitário e 7%, um curso técnico. Entre aqueles de famílias que não tem vínculo com a agricultura, 20% pretendem fazer um curso profissionalizante, 60% pretendem cursar a faculdade, 14% um curso técnico e 6% não pretendem continuar a estudar. Destaca, portanto, o interesse das/os estudantes em estudar na universidade e, em menor grau, fazer curso técnico, de forma relativamente independente do tipo de bairro de origem.

Dentre os três jovens que afirmam não ter vontade de continuar estudando, um deles afirmou não pensar em continuar estudando por “não ter facilidade de aprendizado”, outro disse não ter pensado em nenhum curso que o interessasse ainda, e o terceiro afirmou que a escolha se deu porque ele tem vontade de seguir carreira militar.

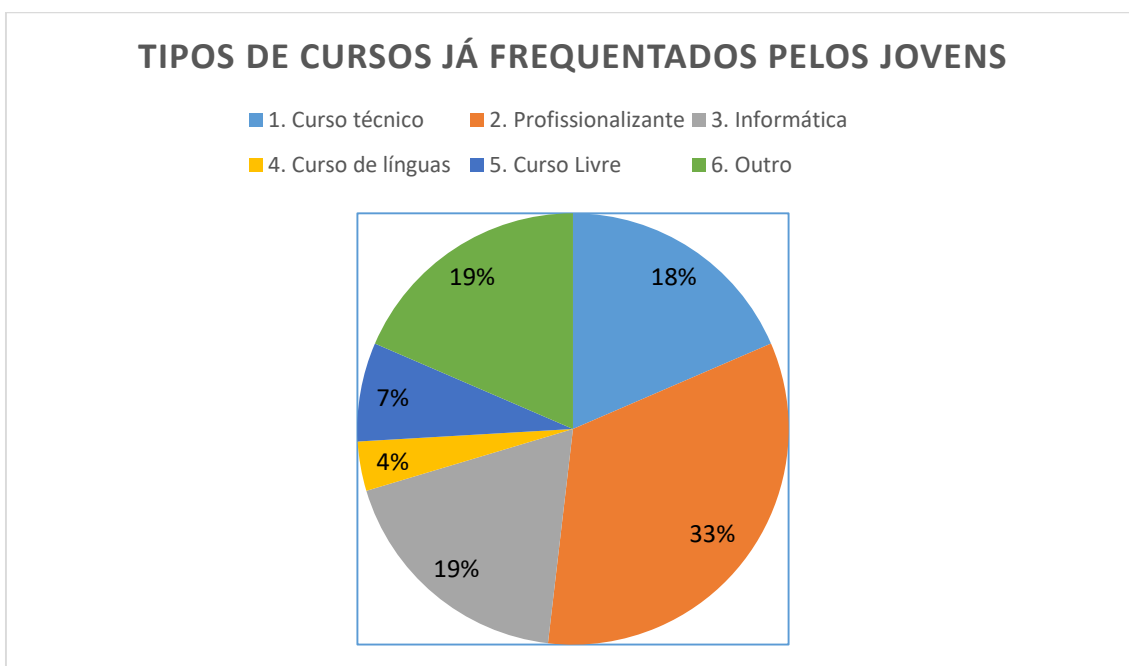
Ainda que as/os estudantes manifestem amplo interesse por continuar estudando, consideramos que este plano pode enfrentar dificuldades para se realizar logo após o ensino médio. Em entrevistas complementares com jovens da faixa de 18 a 30 anos da Barra do Turvo morando em Curitiba, observamos que o acesso ao ensino superior, técnico ou profissionalizante constitui um objetivo de longo prazo. A dificuldade das condições de vida os impõe que resolvam outros aspectos da vida -como trabalhar para juntar dinheiro e conseguir sair da zona rural- como uma pré-condição para conseguir continuar estudando. Portanto, é importante observar que, apesar da ideia de continuar estudando seja muito presente, ela geralmente não parece ser possível como plano de curto prazo logo depois do ensino médio.

2. Experiência com cursos

Outra pergunta do questionário disse respeito à experiência das/os estudantes com curso, de diferentes tipos (profissionalizantes, livres, de línguas, técnicos, etc.). Do total de estudantes de ambas escolas, **30% afirmam já ter feito algum curso**, contra 70% que nunca fizeram nenhum curso. É uma proporção relativamente baixa, especialmente se pensamos que o acesso à formação técnica e superior pode ser favorecido pela experiência anterior de cursos.

Entre as/os estudantes que já fizeram algum curso, 32% ficaram sabendo através da escola, 32% através de amigos e conhecidos, 16% através da família, 8% através de redes sociais, e 12% de outras formas. 87% dos jovens afirmam que ter feito um curso foi algo bom e 13%,

regular (nenhum afirmou ter sido uma experiência ruim). A maioria dos cursos frequentados por eles ocorriam aos dias de semana na parte da tarde (46%), 21% ocorriam sem horário rigidamente definido (como cursos a distâncias), 17% foram cursos condensados (intensivos), e 12% ocorriam aos fins de semana.



3. Dificuldade de acesso a cursos

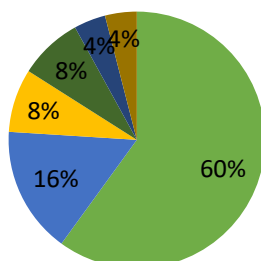
Por fim, abordamos as percepções das/os estudantes a respeito das dificuldades de acesso a cursos. Primeiramente as/os questionamos sobre os motivos concretos por eles não terem feito cursos até agora (70% dos casos, veja seção 3.b acima). A resposta era livre.

Dentre estes casos, **43% afirmam que nunca fizeram curso por “falta de oportunidades”** (sem maior explicação). Respostas mais específicas incluem: a falta de oferta de cursos que as/os interessam no município (20%); a falta geral de interesse (18%); a falta de transporte ou a distância (8%); a dificuldade financeira (6%); e dificuldades com os horários (2%). 4% citaram outros motivos.

É importante ressaltar a variação entre essas proporções conforme as escolas:

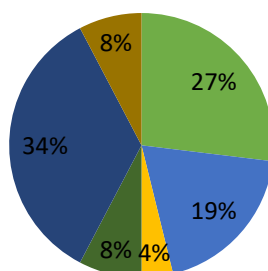
MOTIVO PELO QUAL NÃO FEZ CURSO- EE Rio Vermelho

- 1. Falta de oportunidades
- 2. Falta de Interesse
- 3. Restrição Financeira
- 4. Dificuldade de transporte / Distância
- 5. Falta de opções na cidade
- 7. Outro



MOTIVO PELO QUAL NÃO FEZ CURSO - EE LUIZ DARLY

- 1. Falta de oportunidades
- 2. Falta de Interesse
- 3. Restrição Financeira
- 4. Dificuldade de transporte/Distância
- 5. Falta de opções na cidade
- 6. Outro



Enquanto na EE Rio Vermelho, a grande maioria das/os estudantes (**60%**) dá como razão geral a “falta de oportunidades”, no caso da EE Luiz Darly essa proporção cai para 27% e outra razão mais específica aparece: o fato de não ter identificado no município um curso que corresponda ao seu interesse (**34%**). Acreditamos que esta diferença se explica pela maior distância das/os estudantes da EE Rio Vermelho com cursos, o que dificulta que eles indiquem quais seriam os obstáculos específicos para o acesso. Neste mesmo sentido, observamos que a “falta de oportunidades” é citada com mais frequência por moças (48%) do que por rapazes (39%) e, ao contrário, os rapazes citam com mais frequência a falta de oferta adequada de cursos na cidade (25% deles e 13% delas).

Fizemos ainda uma segunda pergunta, hipotética, sobre as dificuldades gerais que podem existir no acesso a cursos. Percebemos, primeiro, diferenças significativas entre as/os próprias/os estudantes da EE Luiz Darly, quando consideramos o tipo de bairro:

- A **falta de transporte** é a dificuldade mais citada pelas/os estudantes de bairros rurais ou comunidades tradicionais (31%), contra 21% no caso de bairros centrais.
- A **falta de informações** é a dificuldade mais citada pelas/os estudantes de bairros centrais (42%), contra 19% no caso dos bairros rurais e nenhum de comunidades tradicionais.

- A falta de dinheiro corresponde a 18% ou 19%, independentemente do tipo de bairro.
- Ainda são 19% das/os estudantes de bairros rurais, 3% de bairros centrais e nenhum de comunidades tradicionais que afirmam não ter nenhum tipo de dificuldade. Acreditamos que esta diferença entre bairros rurais e centrais, aparentemente contraditória, se explica pela maior proximidade que as/os estudantes dos bairros centrais têm com os cursos, que os deixa mais conscientes das dificuldades de acesso.

A falta de transporte também aparece com muito destaque para aquelas/es estudantes de ambas as escolas cuja família trabalha parcial- ou totalmente na agricultura (46%).

Contudo, existe um leque de fatores que limitam o acesso das/os estudantes a cursos, o que, por sua vez, pode constituir uma desvantagem para trilhar os caminhos de formação que seriam necessários para concretizar seus projetos de vida depois do ensino médio.

Conclusão

Esta pesquisa evidenciou a pretensão massiva de estudantes do ensino médio de Barra do Turvo em ir trabalhar na cidade, geralmente na região metropolitana de Curitiba, motivada sobretudo pela percepção da falta de oportunidades de trabalho e estudo no município. Estes planos são respaldados, para boa parte das/os estudantes, em redes familiares e até na própria experiência de ter morado na cidade, em especial no caso dos rapazes, o que facilita a sua inserção no meio urbano. Destaca também, nesta geração, tanto entre rapazes quanto entre moças, a grande expectativa de poder estudar na faculdade ou então fazer um curso técnico ou profissionalizante, o que os diferencia da geração dos seus pais. No entanto, as condições de inserção na cidade, em bairros ou municípios distantes do centro, em segmentos com baixa remuneração e pouca estabilidade do mercado do trabalho, limitam a plena concretização desses planos. **O acesso à formação, quando acontece, se dá por etapas intercaladas de estudo e trabalho**, começando por um curso técnico ou profissionalizante, sendo o acesso à faculdade um horizonte que, de fato, poucas vezes é alcançado. Em alguns casos, o grau das dificuldades encontradas culmina no retorno dos/das jovens para o município.

Ao mesmo tempo, existe uma parte menor das/dos estudantes do ensino médio de Barra do Turvo que enxerga seu futuro na agricultura e/ou na agroecologia. O desafio deste segmento é introduzir mudanças necessárias para a continuidade desta atividade e melhora das condições de vida, o que se reflete no seu interesse por cursos. Contudo, **não existe uma separação total entre campo e cidade nos planos das/os estudantes**. Estadias na cidade e idas e voltas entre campo e cidade fazem parte das trajetórias e modos de vida dessas/esses jovens.

Para nosso projeto “Mulheres Jovens do Campo Traçando Caminhos”, estes achados reforçaram a importância de consolidar um coletivo de jovens interessadas/os em desenvolver planos de vida e ações coletivas ligadas à agroecologia. Evidenciaram a necessidade de pensarmos e planejarmos estas **ações na relação entre campo e cidade**, potencializando esta relação para valorizar a agroecologia. Coletivos de jovens do município já participam da comercialização dos produtos das suas comunidades na Feira de Agroecologia e Economia Solidária que acontece quinzenalmente em Registro e na compra mensal de Grupos de Consumo Responsável na região metropolitana de São Paulo. Estas experiências podem ser ampliadas e potencializadas por material de comunicação feito pelas/os jovens e inspirar novas iniciativas, por exemplo, em Curitiba onde grande parte das/os jovens pretendem ir depois do ensino médio, ou na área de turismo rural, na qual alguns jovens estão formados e que corresponde a um potencial do município. Outro aprendizado desta pesquisa é a importância de criar espaços de discussão sobre acesso à formação para construir planos mais

realistas de acesso a cursos ou faculdade, que possam, em certos casos, estarem articulados às necessidades das comunidades das/os jovens.

Neste sentido, consideramos positiva a inserção de ações voltadas à construção de projeto de vida no currículo do ensino médio a partir do ano 2020. Dada à história do município e a presença de organizações e projetos que atuam para o fortalecimento da agroecologia, será importante dar apoio às/aos estudantes que trazem este tipo de projeto. De forma geral, consideramos importante dar apoio àqueles projetos que vinculam campo e cidade, seja através de ações de comercialização, comunicação, turismo, formação ou outras. Por último, cabe destacar a forte demanda de estudantes por **cursos no município em áreas de conhecimento transversais como computação, administração, logística ou comunicação, bem como por cursos técnicos no âmbito da agricultura**. Esses cursos podem ser determinantes para o seu acesso posterior à formação superior, que tende a acontecer por etapas intercaladas de trabalho e estudo e não diretamente após o ensino médio.